

## O SINGULAR NU NO INGLÊS E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ABORDAGENS EXPERIMENTAIS SOBRE ATOMICIDADE

### THE BARE SINGULAR IN ENGLISH AND BRAZILIAN PORTUGUESE EXPERIMENTAL APPROACHES ON ATOMICITY

Kayron Beviláqua \*  
kayronbevilaqua@gmail.com

Roberta Pires de Oliveira \*\*  
ropiolive@gmail.com

A partir de uma discussão sobre o papel da atomicidade no domínio da distinção contável-massivo, propomos uma análise para o Singular Nu (SNU) tanto no inglês quanto no português brasileiro (PB). Nosso objetivo é verificar experimentalmente o caráter atômico (ou não) desses sintagmas. Para tanto, analisamos dados de um teste realizado por Scontras, Davidson, Deal e Murray (2017), que mostram que o SNU no inglês enseja principalmente leitura de volume em comparativas. Segundo nossa análise, essa interpretação é explicada como coerção, o que corrobora a denotação do SNU como um predicado atômico nessa língua. Para o caso do SNU no PB, desenvolvemos um teste de julgamento de quantidade, nos moldes de Scontras *et al.* (2017), para verificar as dimensões usadas na comparação em sentenças com o plural, o nome massivo e o SNU, em oposição a sentenças sem o nome expresso (Quem tem mais?). Os resultados mostram que sentenças com o SNU possuem os mesmos julgamentos de sentenças sem o nome expresso. Argumentamos, então, que o SNU no PB não carrega qualquer traço gramatical de atomicidade, diferentemente do plural e do nome massivo, que carregam traços [+atom] e [-atom] respectivamente.

**Palavras-chave:** Comparação. Distinção contável-massivo. Português brasileiro. Singular nu.

From the grammatical notion of atomicity, we propose an analysis for the Bare Singular (BS) both in English and Brazilian Portuguese (BrP). Our aim is to verify experimentally the atomic property (or not) of these noun phrases. To do so, we analyse data from a test performed by Scontras *et al.* (2017), which show that the BS in English mainly raises volume reading in comparatives. According to our analysis, this interpretation is explained as coercion, which corroborates the denotation of the SNU as an atomic predicate in this language. For the case of the BS in BrP, we developed a quantity judgment test, relying on Scontras *et al.* (2017) methodology, to verify the dimensions of comparison used with the plural, mass and BS nouns, opposed to sentences without the name in the prompt (Who has more?). The results show that sentences with the BS raise the same judgments as the ones without the noun in the prompt. We argue, then, that the BS in BrP does not carry any grammatical feature for atomicity, unlike the plural and the mass nouns, which carry [+atom] and [-atom] features respectively.

**Keywords:** Comparison. Mass-count distinction. Brazilian Portuguese. Bare Singular.

---

\* UFPR/IFSC. ORCID: 0000-0002-6627-8932

\*\* UFSC/UFPR/CNPq. ORCID: 0000-0002-4946-7205

•

## 1. Introdução

Neste artigo apresentamos uma análise para o Singular Nu (SNU) no inglês e no português brasileiro (PB) a partir da noção semântica de atomicidade. Por atomicidade, nos referimos a uma operação que, segundo Chierchia (2010), extrai de uma propriedade seus menores elementos e de indivíduos seus menores componentes.<sup>1</sup> Sobretudo, estamos interessados na relação da operação de atomicidade com a comparação. Desse modo, um nome é atômico se, na comparação, restringe a dimensão de comparação à cardinalidade. Por SNU nos referimos a um sintagma nominal nu (constituente nominal não precedidos por um determinante realizado), que nocionalmente denota um objeto no mundo, na forma singular, e não precedido por qualquer determinante aparente. O SNU no inglês é considerado agramatical quando em sentenças comparativas, exemplificadas em 1a; já sua contraparte no PB é avaliada como natural por uma boa parte dos falantes dessa variedade 1b.<sup>2</sup>

(1)

- a. \* John has more book than Mary.
- b. João tem mais livro que Maria.

A análise proposta neste artigo parte inicialmente da observação de dados experimentais de um teste de julgamento de quantidade realizado por Scontras *et al.* (2017). Os resultados mostram que para sentenças sem o sintagma nominal, isto é, sem marcas gramaticais de atomicidade, os julgamentos variam entre volume e cardinalidade. Já para sentenças com o nome expresso, os resultados são categóricos, apresentando comparação cardinal para nomes plurais e não cardinal para nomes massivos. Em seguida, com base nos resultados do segundo experimento de Scontras *et al.* (2017), em que os autores inserem o SNU enquanto variável, discutimos a semântica desse sintagma no inglês. Como mostram os dados, o SNU enseja principalmente leitura de volume, interpretação explicada como coerção, o que, segundo nossa análise, corrobora a denotação do SNU como um predicado gramaticalmente atômico nessa língua.

Apresentamos um experimento aplicado ao PB, utilizando a mesma metodologia presente no experimento 1 de Scontras *et al.* (2017), porém adaptada ao sistema de nominais nus do PB. Assim, incluímos o SNU. Os resultados mostraram que o SNU no PB não se comporta como no inglês. Tal sintagma admite leitura de volume e cardinalidade e, mais ainda, se comporta como sentenças em que não há qualquer marca

---

<sup>1</sup> No original: “extracts from properties their smallest elements and from individuals their smallest components” Chierchia (2010, p. 113).

<sup>2</sup> Não sabemos se a construção é gramatical no português europeu. Em espanhol Rio-platense, ela é considerada agramatical. Para os dados sobre gramaticalidade de sentenças comparativas no inglês, espanhol rio-platense, PB e cabo-verdiano, veja-se Beviláqua e Pires de Oliveira (2018).

de atomicidade, isto é, sem o nome na sentença. Argumentamos, então, que o SNU no PB não carrega traços gramaticais de atomicidade, diferentemente do plural e do nome massivo, que carregam traços [+atom] e [-atom] respectivamente.

Dessa forma, o artigo encontra-se assim organizado: na primeira seção, apresentamos brevemente o fenômeno da distinção contável-massivo através das línguas, bem como as teorias mais importantes, levando em consideração o conceito de atomicidade. Já na seção 2, abordamos o caráter massivo-contável do Singular Nu (SNU), com especial destaque à propriedade da atomicidade, tanto no inglês quanto no português brasileiro (PB). O comportamento dos nomes em estruturas comparativas é especialmente investigado neste trabalho, pois será usado como uma ferramenta para a busca de propriedades atômicas do SNU no sistema nominal do PB. Desse modo, observando as dimensões usadas na comparação, pretendemos jogar luzes sobre o caráter atômico ou não desse sintagma.

Na seção 3, apresentamos o experimento realizado, com base em Scontras *et al.* (2017), um teste de julgamento de quantidade em que o nome é retirado do *input* apresentado ao participante da pesquisa, na busca de entender a contribuição do nome (e sua ausência) para a interpretação das sentenças, em termos de atomicidade. Nosso teste, considerando as especificidades do PB, além de nomes massivos e plurais, também engloba o SNU, objeto importante desta pesquisa. Na seção 4, discutimos os resultados de tal experimento e argumentamos que o SNU não carrega qualquer traço gramatical de atomicidade no PB, enquanto denota um predicado atômico no inglês.

Concluimos que, embora o SNU não apresente a mesma semântica entre as línguas, nomes massivos, por sua vez, são marcados negativamente para atomicidade e, por isso, não podem ser contados, tanto no inglês quanto no PB. Nomes plurais também apresentam uma semântica regular tanto no inglês quanto no PB: denotam somas de indivíduos – à la Chierchia (2010). Por fim, as considerações finais.

## 2. A distinção contável-massivo e atomicidade

A discussão nos estudos linguísticos sobre as diferentes características gramaticais entre o que é do domínio contável e aquilo que é do domínio não contável remonta a textos fundacionais, como o de Jespersen (1924) e Bloomfield (1933), e chega até a semântica contemporânea, nos escritos de Chierchia (1998, 2010, 2014), Rothstein (2010, 2017), Pelletier (2012), Lima (2014) e Doetjes (2017), entre outros. Tal tópico oferece um rico campo de estudo para a semântica das línguas naturais, principalmente quanto à universalidade e à variação translinguística de parâmetros semânticos universais. Os desafios envolvem, por exemplo, entender como as línguas variam, e em que medida não variam.

Estudos sobre a cognição humana, como o de Soja, Carey e Spelke (1991), mostram que as crianças percebem a distinção conceitual entre objetos e substâncias antes mesmo de elas adquirirem a sintaxe da distinção contável-massivo de sua língua. Tal capacidade cognitiva, contudo, é codificada nas gramáticas das línguas através de diversas propriedades gramaticais. A literatura em Semântica – Chierchia (1998), Doetjes (2017)

e Rothstein (2017), entre outros – aponta algumas diferenças sintáticas entre nomes massivos e contáveis, como: (i) pluralização; (ii) contagem; e (iii) quantificação. Assim, nomes de massa não admitem contagem ou combinação com morfema de plural, como acontece no exemplo 2:

(2) João comprou três mesas.

(3) \*João comprou três sangues.<sup>3</sup>

Nomes massivos e contáveis também possuem certa restrição quanto à combinação com quantificadores. No PB, esse parece ser o caso de quantificadores como cada, vários, numerosos, muitos, etc.:

(4) \*João viu vários sangues.<sup>4</sup>

(5) João viu várias mesas.

Ademais, nomes massivos e contáveis também se comportam de forma distinta quando comparados. Cresswell (1976), por exemplo, demonstra que a distinção contável-massivo afeta a dimensão da comparação, em particular nomes contáveis induzem uma comparação através do número de indivíduos. Nessa linha, Bale e Barner (2009) argumentam que o melhor teste para detectarmos se estamos diante de um nome massivo ou um contável é observar as dimensões utilizadas no julgamento comparativo: nomes contáveis só admitem dimensões cardinais, isto é, em que contamos o número de indivíduos; já os nomes massivos aceitam comparação por dimensões não cardinais, como volume, peso, etc, em que os átomos não são relevantes.

Percebe-se, até então, que o caráter massivo ou contável de um nome gira em torno de propriedades gramaticais sensíveis à atomicidade, como contagem, pluralização e quantificação e comparação cardinais. Dessa forma, no centro das teorias sobre a distinção contável-massivo, reside o conceito de atomicidade. A distinção entre os dois domínios (entre o que é massivo ou contável) se estabelece na categorização, ou não, de ser atômico, ou mesmo na estabilidade atômica – na visão de Chierchia (2010), como veremos, – de cada domínio.

Link (1983) é um dos primeiros autores a fornecer uma formalização, em termos de reticulados, para a distinção entre domínios massivos e contáveis. Através de uma rigorosa caracterização de estruturas mereológicas, Link (1983) propõe que nomes

<sup>3</sup> É até possível argumentar que certos nomes massivos aceitam contagem e pluralização, como: *João comprou três águas*. Contudo, a sentença só é aceitável em um contexto no qual estão em questão diferentes recipientes (ou tipos) de água. Nesse caso, a operação de contagem é licenciada por um classificador encoberto, algo como: *João comprou três (garrafas) de água*. Veja-se Chierchia (2010), que assinala que nomes de massa não podem se combinar diretamente com numerais; e Lima (2014), para um contraponto.

<sup>4</sup> *Sangue* só pode ser interpretado na sentença através de um classificador, aí teríamos a leitura de tipos sanguíneos diferentes ou de várias poças de sangue.

contáveis denotam um semi-reticulado<sup>5</sup> atômico, enquanto nomes massivos denotam semi-reticulados sem partes mínimas, ou seja, sem os átomos. Nessa proposta, o nome contável denota o conjunto de átomos. A denotação do plural, por sua vez, é o fechamento do conjunto de elementos atômicos sob uma operação de soma. Já o nome massivo denota o conjunto de elementos moleculares no reticulado, sem as unidades atômicas. Essa representação capta a intuição de que se dividirmos uma porção de água continuamos a ter porções de água enquanto substância e não conseguimos acessar os átomos.<sup>6</sup> Portanto, segundo essa teoria, no léxico, há domínios diferentes para os nomes contáveis e massivos que refletem a distinção ontológica.

Já para Chierchia (2010), a distinção contável-massivo prescinde de uma divisão entre atômico e não atômico. Embora não entenda, como faz Link (1983), que nomes massivos e contáveis denotem estruturas distintas, Chierchia (2010) também recorre à atomicidade para explicar a distinção massivo-contável. O autor constrói essa diferença a partir da semântica da vagueza e de uma diferença epistêmica entre nomes que denotam átomos através das diferentes situações e nomes que podem denotar diferentes átomos em diferentes situações. Assim, nomes contáveis possuem átomos estáveis em sua denotação, isto é, denotam indivíduos que são sempre atômicos em qualquer contexto. Já nomes massivos seriam vagos, pois possuem átomos instáveis, o que conta como um átomo varia a depender dos contextos de mundo. Nesse sentido, somente nomes contáveis possuem átomos estáveis, e, portanto, podem ser contados. Para ele, a contagem requer átomos estáveis, o que gera exatamente a impossibilidade de nomes massivos não se combinarem com numerais, o que ele chama de *the signature property*. Como o que conta como uma unidade para nomes massivos varia de contexto para contexto, o que significa dizer que os átomos são instáveis, nomes massivos não podem ser contados.

Em suma, para Chierchia (2010), embora nomes massivos e contáveis denotem estruturas atômicas, nomes massivos são vagos no sentido de que possuem átomos instáveis, o que significa que o que conta como um átomo varia contextualmente. Isso garante, por exemplo, no caso do nome arroz, que sempre haja contextos em que diferentes porções contem como arroz, seja 2 kg, 1 kg, metade disso, e assim sucessivamente. Já para nomes contáveis, o átomo se mantém, por isso um átomo de mesa sempre será o mesmo, e não haverá situação, por exemplo, em que apenas o pé da mesa é considerado como mesa.

Rothstein (2010) caracteriza a distinção contável-massivo também em termos de atomicidade. Para a autora, atomicidade é contextualmente dependente e, assim, o que conta como um átomo varia a depender do contexto. Embora a atomicidade seja dependente do contexto, nem sempre sua definição de átomo varia, ou seja, nem todos os nomes mudam sua atomicidade de contexto para contexto. Por exemplo, um nome como *cat*<sup>7</sup> ‘gato’, naturalmente atômico, denota o mesmo átomo através de todos os contextos.

---

<sup>5</sup> Trata-se de um semi-reticulado porque não inclui o zero. Veja-se Landman (1989) para uma abordagem diferente e a sua importância para fenômenos de pressuposição.

<sup>6</sup> Naturalmente, num contexto de laboratório, podemos chegar ao átomo da água, porém isso depende de recursos que estão além das nossas capacidades perceptuais. Veja-se Chierchia (2014).

<sup>7</sup> Nesse caso, utilizamos o exemplo em inglês, pois estamos pondo em cheque o próprio fato de um nome singular nu no PB, como *gato*, possuir átomos semânticos. Rothstein (2010) utiliza exemplos do inglês.

Não ficamos em dúvida se temos um gato ou dois ou três. Com isso, Rothstein (2010) argumenta que nomes como muro não possuem átomos naturais<sup>8</sup>, enquanto nomes como *cat*, sim. Entretanto, os dois estão sujeitos à contagem gramatical porque ambos possuem átomos semânticos.

Na proposta teórica da autora, há então dois conceitos distintos de atomicidade: *atomicidade natural* e *atomicidade semântica*. Atomicidade natural é a propriedade que o predicado tem de os elementos em sua denotação serem unidades perceptualmente atômicas. Assim, predicados naturalmente atômicos denotam indivíduos atômicos no mundo, por exemplo *cat*. Já a atomicidade semântica é a propriedade gramatical de predicados que denotam o conjunto de indivíduos que são atômicos em um determinado contexto, como acontece com muro e *cat*. Então, embora muro não tenha átomos naturais, possui atomicidade semântica, assim como *cat*, o que permite que esses nomes se combinem com numerais. A atomicidade semântica é o que dá à gramática a possibilidade da contagem.

Nomes massivos, por outro lado, não contêm átomos semânticos. Isso impede a combinação de numerais com esses sintagmas. Embora não possuam átomos semânticos, nomes massivos podem ter átomos naturais, como no caso dos chamados *object-mass nouns*, nomes como mobília, que têm propriedades gramaticais de nomes massivos, mas denotam unidades salientes e individuais no mundo.

A partir dessa discussão, vemos que a propriedade da atomicidade sempre obteve um papel central na busca por uma formalização da distinção entre domínios massivos e contáveis. Parece haver uma relação gramatical intrínseca entre o domínio contável e a atomicidade. Essa é uma conexão importante que nos permite, por exemplo, decidir se um nome é contável ou massivo a partir de seu caráter atômico. Na seção a seguir, discutiremos o caráter atômico do SNU no inglês e no PB, bem como apresentaremos alguns experimentos feitos nesse sentido.

### 3. O singular nu: diferenças translinguísticas

Nesta seção, abordamos as diferenças e similaridades do sistema nominal do inglês e do PB, como foco especialmente no caráter massivo-contável do Singular Nu (SNU) nessas línguas.

#### 3.1. Inglês

A gramática do inglês não admite que um SNU apareça como argumento em diversos contextos, a não ser em caso claro de coerção (como discutiremos a partir de 13) ou para uma restrita classe de itens lexicais (como em 12b), um grupo especial de nominais que

---

<sup>8</sup> A autora traz à cena os chamados nomes homogêneos, como *cerca*, *muro* e *graveto*. Note que numa situação em que um muro circunda um terreno quadrado, o que conta como muro varia a depender do contexto. Temos quatro muros, um muro? Não está claro, ou seja, os átomos de muro variam num padrão contextual que estabelecemos, independentemente de como os objetos se apresentam no mundo.

pode ser argumental. Assim, a regra geral é que o SNU em posição de argumento é agramatical:

(6) \*Dog is smart.  
Cachorro é esperto  
'Cachorro é esperto.'

(7) \*John bought book.  
João comprou livro  
'João comprou livro.'

Tais sintagmas só podem ocupar essa posição quando pluralizados:

(8) Dogs are smart.  
Cachorros são espertos  
'Cães são espertos.'

(9) John bought books.  
João comprou livros  
'João comprou livros.'

A agramaticalidade de 6 e 7 é gerada pela ausência da marca de plural no nome contável. O que não seria um problema se o sintagma nessas sentenças fosse um nome massivo, já que as sentenças abaixo são gramaticais no inglês:

(10) Water is healthy.  
Água é saudável  
'Água é saudável.'

(11) John drank water.  
João bebeu água  
'João bebeu água.'

Assim, o paradigma do sistema nominal no inglês apresenta uma associação clara entre uma sintaxe plural e nomes contáveis; e uma sintaxe singular e nomes massivos. Mais ainda, a marcação de número é obrigatória, então, se na sentença houver um nome contável, deve haver marcação de plural, como vimos no contraste de 6 a 9. Há, contudo, a exceção dos chamados nomes flexíveis. Vejamos:

(12)  
a. Who has more ropes? [atômico]  
Quem tem mais cordas  
'Quem tem mais cordas?'

b. Who has more rope? [não-atômico]

Quem tem mais corda  
 ‘Quem tem mais corda?’

Bale e Barner (2009) mostram que sentenças comparativas, como 12a,b, são o principal teste para verificar se um nome é massivo ou contável: nomes massivos apenas são comparados em escalas contínuas (não cardinais), enquanto que nomes contáveis apenas são comparados por cardinais. O par mínimo acima enseja duas respostas distintas, geradas pela ausência/presença do morfema de plural.

Em 12b a resposta só pode vir em termos não cardinais, já que o nome se encontra no singular, e, portanto, não há o garantidor da leitura contável, que é o morfema de plural. A interpretação será de volume maior, como ocorre com os nomes de massa prototípicos. Já em 12a, a única resposta possível só pode vir em termos de cardinalidade. Há então uma sintaxe ‘ou um ou outro’ nas sentenças comparativas, se não há plural é necessariamente não atômico (ou a atonicidade é não estável); se há plural, é necessariamente atômico.

A gramaticalidade da sentença em 12b em inglês levou alguns autores a considerarem *rope* ‘corda’ um nome flexível, isto é, que pertence a uma classe lexical restrita que admite tanto a sintaxe singular quanto plural. Trata-se de um caso de ambiguidade. Em termos de atonicidade, então, podemos afirmar que *ropes* ‘cordas’ é um predicado atômico, enquanto *rope* é marcado negativamente para atonicidade, como argumentam Scontras *et al.* (2017).

Por outro lado, dada a restrição de ocorrência do SNU em posição argumental no inglês, uma sentença comparativa com um item não flexível sem a marcação de plural é considerada agramatical ou estranha:

(13) #<sup>9</sup>John has more table than Peter.  
 João tem mais mesa que Pedro  
 ‘João tem mais mesa que Pedro.’

A sentença acima gera estranheza e apresenta baixas taxas de aceitabilidade (como mostram os resultados de Bevilaqua e Pires de Oliveira 2018), mas, se o falante é forçado a interpretá-la, ela recebe uma leitura partitiva: a de que John tem uma parte maior da mesa do que Peter. Algo como: os dois estão sentados à mesa, mas John ocupa três quartos da mesa, enquanto Peter fica com o restante. Nesse caso, o objeto mesa é particionado em suas partes. Isso é tratado na literatura como um caso de coerção.<sup>10</sup>

Já 12b não é agramatical e não se trata de um caso de coerção. A resposta leva em consideração dimensões não cardinais, como volume, peso, etc. 12a também é gramatical e gera sempre uma leitura cardinal. Em termos de atonicidade, então, *ropes* é um predicado atômico, enquanto *rope* é marcado negativamente para atonicidade, como

<sup>9</sup> Utilizamos o # para representar uma sentença malformada sintaticamente, porém interpretável.

<sup>10</sup> A expectativa é que seu processamento seja mais lento, uma questão que merece ser investigada. Veja-se Pelletier (1979, 2012), Frisson e Frazier (2005) e Chierchia (2010) para uma maior discussão sobre coerção. Sobre coerção no PB, veja-se Beviláqua, Lima e Pires de Oliveira (2016).

argumentam Scontras *et al.* (2017). Mas o que dizer então do caráter atômico do SNU em 13?

Com o objetivo de testar os julgamentos comparativos de sentenças sem marcas de atomicidade (veja 14) *versus* sentenças com marcas de atomicidade (como 12a,b) (bem como o status atômico do predicado *table* ‘mesa’ em 13), Scontras *et al.* (2017) realizaram um experimento de julgamentos de quantidade – “Quantity Judgment Test” de Barner e Snedeker (2005) – com falantes nativos de inglês. No inglês, demonstram Scontras *et al.* (2017), a sintaxe massiva ou plural está dicotomicamente relacionada à distinção contável-massivo: nomes contáveis só podem figurar numa sintaxe plural, o que garante um traço de atomicidade; enquanto nomes massivos só podem figurar numa sintaxe singular (incluídos os nomes flexíveis singulares), o que garante também um traço atômico.<sup>11</sup>

Dessa forma, argumentam os autores, “the only way to remove these cues (in English) is to remove the nouns from the prompt”<sup>12</sup> (Scontras *et al.* 2017, p. 3). Ou seja, a única maneira de evitar que a distinção contável-massivo apareça e retirar pistas linguísticas de atomicidade é excluindo o próprio sintagma da sentença, como em 14:

(14) Who has more? [atômico?]  
 Quem tem mais  
 ‘Quem tem mais?’

A pergunta que guiou os autores foi: quais são os julgamentos quantitativos quando o nome está ausente? O que acontece na ausência de pistas de atomicidade no inglês? Com base nessas questões, os autores compararam os julgamentos de quantidade fornecidos a sentenças sem o nome expresso (ex.: *Who has more?* ‘Quem tem mais?’) com os julgamentos feitos a sentenças com o nome expresso (*Who has more N?* ‘Quem tem mais N?’). O N fora substituído por nomes contáveis no plural (ex.: *cups* ‘copos’) e por nomes massivos (ex.: *water* ‘água’).

Foram testados quarenta e três participantes via uma plataforma de pesquisa online; dezassete responderam sentenças na condição ‘sem nome’ e vinte e seis, na condição ‘com nome’. Vejamos os resultados (Figura 1):

<sup>11</sup> Os autores não são claros se estão tratando de traços semânticos ou sintáticos, ou mesmo como são interpretados ao longo da derivação sintática. O importante para este artigo é que, como argumentam esses autores, no inglês, sempre há marcas de atomicidade no nome, com ou sem a presença de morfema de plural.

<sup>12</sup> Tradução nossa: “O único jeito de remover essas pistas (em inglês) é removendo os nomes da sentença”.

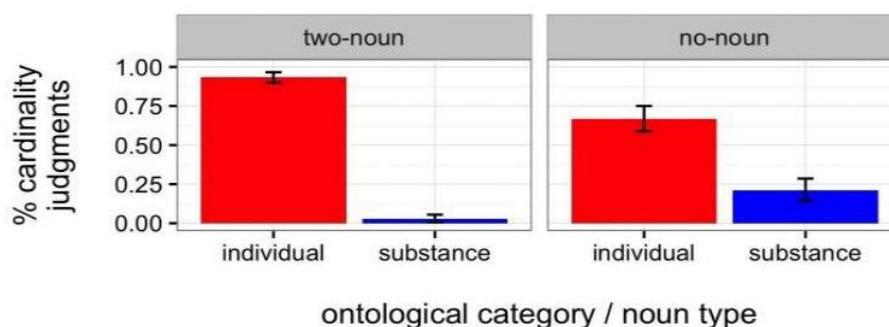


Figura 1. Resultados do experimento 1 de Scontras *et al.* (2017).

A Figura 1 apresenta apenas a porcentagem dos julgamentos de cardinalidade. As barras vermelhas representam os objetos individuais, enquanto as barras azuis representam as substâncias. Do lado esquerdo, tem-se a condição ‘com nome’, e do lado direito, a condição ‘sem nome’. Vemos, inicialmente que as respostas para a condição ‘sem nome’ são menos categóricas, com julgamentos oscilando mais, tanto para indivíduos quanto para substâncias: 66% dos julgamentos baseados em cardinalidade para indivíduos e 21% para substâncias. Por outro lado, na condição ‘com nome’, os resultados são mais categóricos: 92% dos julgamentos de cardinalidade para indivíduos e 3% para substâncias.

Em resumo, com esse experimento, Scontras *et al.* (2017) mostram que, ao retirar as pistas linguísticas de atomicidade (no caso do inglês, o próprio SN), o julgamento da quantidade torna-se menos categórico e os objetos podem ser medidos por volume (34%), e as substâncias podem ser contadas (numa faixa de 21%). Eles argumentam então que na ausência de traços gramaticais de atomicidade, os julgamentos de quantidade são guiados por muitos critérios, como a discretude de objetos e porções ou dimensões alternativas de medição, como área, volume, qualidade, etc.<sup>13</sup>

Um resultado também interessante que aparece no texto dos autores é o caso do SNU. Num segundo experimento, eles incluem uma condição em que o participante pode escolher entre quatro tipos de sintagmas nominais: plural, massa, massa particionado (*portions of water* ‘porções de água’) e SNU (*cup*). Os dados apontaram que o SNU foi escolhido em 0% das vezes quando o participante comparava por cardinalidade. Além do mais, quando o nome já era apresentado na pergunta, o SNU foi preterido em respostas de cardinalidade, apresentando 75% de escolhas para volume (*cf.* Figura 2):

<sup>13</sup> Os autores também mostram que os resultados na condição ‘sem nome’ não são gerados simplesmente por elipse, já que num outro teste em que o participante deveria preencher o nome, os resultados foram bem diferentes: “whatever participants are doing in the no-noun condition, it does not appear to be the same as what they are doing when they explicitly fill in a noun in the quantity judgment prompt” (Scontras *et al.* 2017, p. 13).

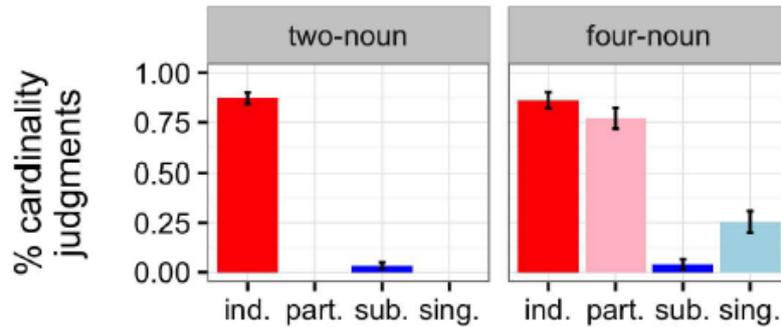


Figura 2. Resultados do experimento 2 de Scontras *et al.* (2017).

Embora os autores não discutam especificamente a interpretação do SNU, esses resultados são bastante elucidativos, pois mostram que esse sintagma no inglês tende a ser comparado por volume. Apresentaremos uma explicação para esse resultado, juntamente com uma análise semântica para o SNU no inglês, na seção 4.

Por ora, é interessante perceber que com o plural (*cups*) os resultados são categoricamente cardinais. Com o nome de massa (*water*), os resultados são categoricamente não cardinais. Já na ausência do sintagma, os resultados são misturados entre volume e cardinalidade, o que, segundo os autores, mostra a ausência de marcas de atomicidade. Assim, o falante está livre para escolher diferentes dimensões na comparação do objeto/substância em questão.

### 3.2. Português brasileiro

Diferentemente do inglês, o PB permite que um nome contável sem determinante realizado ou marca de plural ocupe uma posição argumental:

(15) Cachorro é esperto.

(16) João comprou livro.

Outra diferença entre o PB e o inglês diz respeito à marcação de plural. Embora o PB apresente marcação de plural, ela não é obrigatória no nome, por isso 16 é gramatical. Além do mais, à semelhança do inglês, o PB admite usos plurais:

(17) Cachorros são espertos.

(18) João comprou livros.

Embora o PB tenha marcação de plural, a diferença em relação ao inglês reside no fato de o PB possuir também usos com o SNU. Dessa forma, o contraste morfológico singular/plural no PB não é como no inglês, visto que são aceitáveis tanto 16 quanto 17, sendo a sentença 16 bastante produtiva, principalmente na modalidade oral (em comparação com *\*João bought book yesterday* ‘João comprou livro ontem’). Como

discutido para o caso do inglês, a sintaxe nessa língua é especializada para nomes contáveis e massivos. Se é contável, a sintaxe precisa ser contável e, portanto, aplica-se necessariamente o morfema de plural. Se for um nome não contável, a sintaxe necessariamente precisa ser massiva, sem o morfema de plural. No PB esse paradigma não é categórico e sentenças como 19 admitem leituras cardinais e não cardinais, como mostram Beviláqua e Pires de Oliveira (2014, 2017), entre outros:

(19) João tem mais mesa que Pedro.

Há uma relevante discussão na literatura quanto ao caráter atômico do SNU.<sup>14</sup> Há uma corrente que advoga que o SNU é um predicado neutro para número (Schmitt & Munn 1999, 2002; Müller 2000; Paraguassu-Martins & Müller 2008); e há aqueles que defendem que o SNU é massivo e denota a espécie (Pires de Oliveira & Rothstein 2011). Essas duas análises fazem previsões diferentes quanto ao caráter atômico do SNU. A primeira alega que a semântica do SNU deveria incluir singularidades e pluralidades, portanto, atômico. Por outro lado, a segunda visão defende uma semântica massiva, portanto marcada negativamente para atonicidade.

Ao contrário do inglês, sentenças com o SNU (*cf.* 19) não são agramaticais no PB e apresentam tanto uma interpretação de que João tem mais unidades de mesas do que Pedro, quanto uma interpretação de que João tem mais volume ou peso de mesa do Pedro. Se, para o caso do inglês, 12b apresentar apenas leitura de volume era a garantia de que o nome não carregava atonicidade; enquanto 13a apresentar apenas leitura cardinal era garantia de que o nome carregava marcas de atonicidade; o que dizer então do SNU no PB, já que ele apresenta as duas leituras? Em outras palavras, qual a propriedade do SNU no PB em termos de atonicidade?

Na seção a seguir, apresentaremos um experimento similar ao primeiro experimento de Scontras *et al.* (2017) aplicado ao PB. Verificamos qual a interpretação para sentenças sem o nome expresso no PB e a comparamos com os resultados para o SNU e o plural, bem como ao nome de massa.

#### 4. Um experimento sobre atonicidade

Na seção 2.1., discutimos o experimento de Scontras *et al.* (2017), um teste de julgamento de quantidade em que o nome é retirado do *input* apresentado ao participante da pesquisa. Os autores opuseram sentenças com nomes plurais e massivos (*Who has more cups/water?*) a sentenças sem o nome expresso (*Who has more?*). Assim, buscavam entender a contribuição do nome (e sua ausência) para a sentenças, em termos de atonicidade. Quanto ao nosso experimento, considerando as especificidades do PB, além de nomes massivos e plurais, incluímos também o SNU como outro nível da variável ‘nome. Dessa forma, as variáveis independentes usadas nesse teste foram: (i) condição

---

<sup>14</sup> Para um *overview* e discussão crítica sobre os estudos feitos em relação ao SNU no PB, veja-se Ferreira (2017).

(‘sem nome’ e ‘com nome’) e (ii) Sintagma Nominal (SNU, PL e Massa). Como variável dependente tínhamos o (iii) julgamento de quantidade (volume e número).

#### 4.1. Design e metodologia

O experimento foi, então, dividido em três testes. No Teste 1 comparamos, na condição ‘sem nome’, os objetos e substâncias. Assim, o participante lia a sentença *Quem tem mais?* e era apresentado a duas imagens, uma com maior volume e menos unidades, e outra com mais unidades e menor volume. Em seguida, o participante tinha que optar por uma das imagens (como na figura abaixo). Já no Teste 2, utilizando as mesmas imagens, comparamos o SNU com o nome massivo, na condição ‘com nome’. Assim, o participante lia uma sentença como *Quem tem mais mesa?* e *Quem tem mais areia?*. Por fim, no Teste 3, comparamos os nomes plurais aos nomes massivos. O participante era apresentado a um estímulo como o da figura a seguir, com a sentença *Quem tem mais mesas?* e *Quem tem mais areia?* para o caso dos nomes massivos.<sup>15</sup>



Figura 3. Exemplo de imagens utilizadas nos três testes.

A Tabela 1 a seguir resume melhor as diferenças entre os três testes:

Tabela 1. Descrição dos três testes.

	Objeto	Substância
Teste 1	Quem tem mais Ø?	Quem tem mais Ø?
Teste 2	Quem tem mais SNU?	Quem tem mais MASSA?
Teste 3	Quem tem mais PL?	Quem tem mais MASSA?

A comparação dos resultados entre os testes nos permite verificar se, no PB, há diferenças nos julgamentos de quantidade quando há um nome expresso na sentença e quando não há. Os Testes 1 e 2, por exemplo, opõem as mesmas imagens, porém no Teste 1 temos a ausência do nome, enquanto no Teste 2 temos os nomes expressos no singular. Nossa hipótese é a de que, como ocorreu no experimento de Scontras *et al.*, os julgamentos de quantidade para sentença sem nome oscilem entre volume e cardinalidade, com preferência a cardinalidade no caso de objetos e volume no caso de substâncias. Já para sentenças com nomes no singular, esperamos resultados de volume e cardinalidade para

<sup>15</sup> Optamos por não pluralizar esses nomes, pois a combinação de nomes massivos com o plural gera leituras de empacotamento ou de *container*, o que não era nosso objeto de investigação. Além do mais, como tanto no teste 2 quanto no teste 3 foram utilizados nomes massivos na condição ‘com nome’, a comparação entre esses resultados pode nos indicar se o experimento, de facto, funcionou entre os testes.

o SNU (com preferência à cardinalidade); e julgamentos majoritários de volume para nomes massivos.

Os Testes 1 e 3, por sua vez, opõem as mesmas imagens, porém no 1 temos a ausência do nome, enquanto no teste 3 temos os nomes contáveis no plural. Nesse caso, nossa hipótese é a de que nomes plurais apresentarão apenas julgamentos de quantidade baseados em cardinalidade.

Para a composição dos três testes, utilizamos quinze itens lexicais, 5 para cada sintagma nominal (*cf.* Tabela 2):

**Tabela 2. Itens Lexicais.**

Objetos (singular)	Objetos (plural)	Substância
Mesa	Mesas	Areia
Casa	Casas	Água
Cama	Camas	Catchup
Pedra <sup>16</sup>	Pedras	Farinha
Caixa	Caixas	Lama

No total, cada teste era composto por vinte e oito perguntas, subdivididas assim: dez eram os alvos; 2 eram perguntas iniciais, que tinham o objetivo de treinar o participante na atividade do teste; quinze eram distratoras, que envolviam comparativas sem o verbo *ter* (ex.: *Quem corre mais?*) e cujo objetivo era desviar a atenção dos alvos, para diminuir os riscos de o participante enviesar os resultados ao saber o que está sendo testado; e uma pergunta controle, a qual possuía apenas uma resposta correta (num mesmo lado da imagem colocamos mais volume e mais unidades) e cujo objetivo era verificar se o participante respondeu com seriedade e atenção o teste.

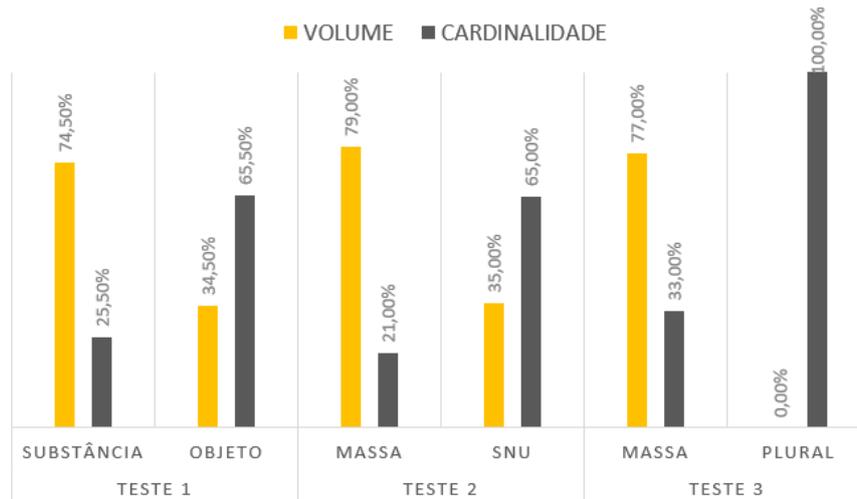
## 4.2. Participantes

Sessenta participantes foram recrutados anonimamente via web e realizaram o teste através da plataforma *onlinepesquisa.com*. Foram vinte participantes para cada um dos testes, e, como todos acertaram a sentença controle, nenhum participante foi retirado da análise dos resultados.

## 4.3. Resultados

O gráfico presente na Figura 3 resume os resultados nos três testes:

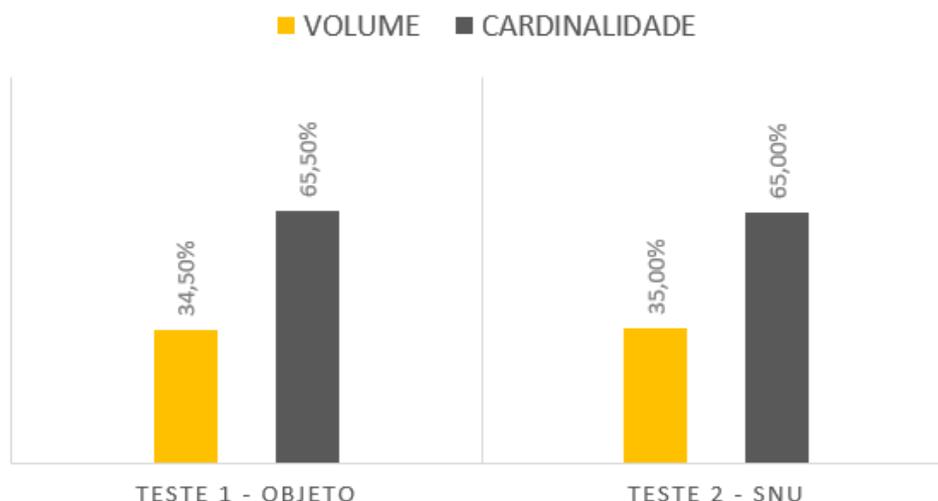
<sup>16</sup> Como bem notado pelos pareceristas da revista, o sintagma *pedra* é considerado um nome flexível na literatura do inglês, *stone*. Contudo, como mostram os trabalhos de Beviláqua e Pires de Oliveira (2014, 2017), não há razões para postular uma classe de nomes flexíveis no PB. Além do mais, realizamos uma análise dos resultados sem esse item lexical e não houve diferença significativa, com 32,5% de resultados para volume; e 67,5% para número. Por fim, o teste estatístico realizado leva em consideração variações geradas por fatores randômicos, como os itens usados, o que gera uma redução de ruído, caso o item lexical *pedra* tivesse enviesados os resultados para volume, por exemplo.



**Figura 3. Gráfico do resultado geral dos três testes de julgamento de quantidade.**

Vejam, primeiramente, o comportamento categórico do Plural no Teste 3: todos os participantes, quando liam um nome plural (por exemplo, *mesas*), executavam um julgamento de quantidade baseado em cardinalidade (100%). Note que esse comportamento é bem diferente da condição ‘sem nome’ (65,5% para cardinalidade). Se considerássemos apenas esse resultado, o PB seria exatamente como o inglês (esse é quase o mesmo resultado encontrado por Scontras *et al.* (2017)). Devido à expressividade dos resultados, ou seja, devido aos 100% de julgamentos de cardinalidade para o PL, não foi possível analisar as respostas dos participantes usando um modelo de regressão generalizada de efeitos mistos. O que é importante ressaltar aqui é que, na condição ‘sem nome’, houve bem menos julgamentos cardinais. Assim, como em inglês, no PB, quando não há nome expresso, não há nenhuma informação que garanta a cardinalidade. Essa garantia só acontece na presença do morfema de plural.

Agora, se nos voltarmos para o SNU, vemos que os julgamentos de quantidade mudam, com base tanto no volume (35%) quanto na cardinalidade (65%). Note, sobretudo, que esse é quase o mesmo resultado obtido na condição ‘sem nome’ (34,5% para o volume e 65,5% para cardinalidade). O gráfico da Figura 4 torna isso visualmente mais claro:



**Figura 4. Gráfico dos resultados do teste de julgamento de quantidade (SNU – comparação entre contexto sem nome e com nome).**

Este é um resultado surpreendente, mostrando que, diferentemente do Plural, o SNU se comporta exatamente como se não houvesse pistas linguísticas para a atomicidade. Analisamos as respostas dos participantes usando um modelo de regressão logística de efeitos mistos com efeitos fixos na condição ('sem nome' *versus* 'nome expresso'). O modelo não revelou interação significativa ( $SE = 0,65023$ ,  $z = -0,759$ ,  $p = 0,448$ ), ou seja, não há evidências de diferenças significativas entre ter o SNU na sentença e não ter nome expresso.

Ademais, um resultado que precisa ser discutido é o fato de o nome massivo ter apresentando julgamentos semelhantes na situação 'com nome' e na situação 'sem nome' (*vd.* comparação entre Teste 1 e Teste 2, por exemplo). O teste estatístico não mostrou diferenças significativas entre ter o nome massivo (MASSA) na sentença e não ter nome expresso, assim como ocorre com o SNU. Contudo, os resultados para MASSA e SNU são bem distintos. Analisamos estatisticamente as respostas dos participantes usando um modelo de regressão logística de efeitos mistos com a interação entre categoria ontológica ('indivíduo' *versus* 'substância') e condição de experimento ('sem nome' e 'nome expresso') – Teste 1 *versus* Teste 2. O modelo revelou um efeito principal da categoria ontológica ( $SE = 0,6252$ ,  $z = 4,098$ ,  $p < 0,0001$ ), isto é, sentenças com nomes de massa receberam mais julgamentos baseados em volume, enquanto cenas com SNU receberam mais julgamentos quantitativos baseados em cardinalidade.

Em suma, esse experimento lança luzes sobre a contribuição do nome no PB com relação à atomicidade. Não há dúvida de que a presença do morfema plural, tanto em inglês quanto no PB, restringe a dimensão da comparação à cardinalidade. Por outro lado, na condição 'sem nome', os indivíduos são comparados por cardinalidade e por volume, em ambas as línguas. Isso é esperado, já que na ausência do nome, os participantes estão livres linguisticamente para escolher a dimensão da comparação, enquanto o plural carrega a informação sobre atomicidade. O resultado surpreendente é que o SNU no PB funciona exatamente como a condição 'sem nome', enquanto no inglês o SNU tem os mesmos resultados do nome massivo. Na próxima seção discutiremos uma proposta para

dar conta desse resultado, levando em consideração também os resultados de Scontras *et al.* (2017) para o SNU no inglês.

## 5. As semânticas do singular nu

A análise dos resultados encontrados no experimento de Scontras *et al.* (2017), bem como os resultados do experimento construído para esta pesquisa nos permitiram verificar uma diferença entre o mesmo sintagma nominal nas duas línguas. Iniciemos nossa análise pelo caso do SNU no inglês.

Os resultados do experimento de Scontras *et al.* (2017) sobre o SNU no inglês mostram que o SNU no inglês tende a ser comparado por volume: “atomic individuals were measured by volume if they were named with a ‘massified’ singular count noun (e.g., knife, leaf)”<sup>17</sup> (Scontras *et al.* 2017, p. 12). Esses dados corroboram o que a literatura propõe para a denotação desse sintagma singular: que ele denota um predicado atômico (Chierchia 2010; Rothstein 2017), e, portanto, só pode ser interpretado por volume, via coerção.

Para Chierchia (2010), um nome como *cat* denota o conjunto de átomos, ou seja, a linha inferior do semi-reticulado representado na Figura 5 a seguir:

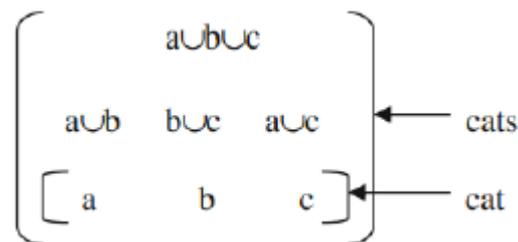


Figura 5. Domínio atômico. Fonte: Chierchia (2010).

Nesse sentido, por ser um predicado atômico, o SNU não enseja a comparação por uma dimensão cardinal, que só é possível através do plural, que denota o conjunto de somas de indivíduos e grupos de indivíduos, as duas linhas de cima do reticulado da figura anterior. Por ser um predicado atômico, a interpretação possível para o SNU em comparativas se dá através de coerção, e é interpretado, portanto, como massivo, o que explica os 75% de resultados para volume no experimento de Scontras *et al.* (vd. Figura 2). Analisemos a seguinte sentença:

(20) # John has more table than Peter.  
 João tem mais mesa que Pedro  
 ‘O João tem mais mesa que Pedro.’

<sup>17</sup> Tradução nossa: “indivíduos atômicos foram medidos por volume como se tivessem sido nomeados com um nome contável singular “massificado” (ex.: faca, folha).”

Como discutimos antes, uma interpretação possível para o SNU nessa sentença é a de um indivíduo mesa subdividido em suas partes. No caso do experimento em Scontras *et al.* (2017), o SNU foi interpretado por volume, o falante tende a escolher o objeto de maior área, em detrimento da figura com mais unidades. Essa também é uma leitura de coerção, o falante é coagido à comparação através de dimensões não cardinais, porque para usar uma dimensão cardinal teria de haver o morfema de plural no nome. Tal coerção é gerada porque a semântica da comparação exige um predicado cumulativo para ocorrer.<sup>18</sup> Segundo Wellwood (2015, p. 5), “nominal and verbal comparatives only give rise to dimensions for measurement and comparison that track the part-whole structure of their domains”.<sup>19</sup> Com base em Krifka (1998) e Rothstein (2010), a cumulatividade é uma propriedade que pode ser definida como:

(21) P é um predicado cumulativo se x e y são distintos e partes de P, e a soma de x e y também é P.

Predicados atômicos não são cumulativos, se juntarmos um gato mais um gato, não continuamos tendo um gato, mas gatos (*cats*), que é cumulativo. Como predicados atômicos não podem ser comparados, há uma coerção para gerar alguma leitura da sentença, e assim o predicado atômico *table* é dividido em subpartes, tornando-o num predicado cumulativo. Só assim a comparação ocorre, e a interpretação é a de que John tem mais área da mesa do que Peter, algo como John ocupou mais centímetros da mesa do que Peter. Note que essa é uma dimensão não cardinal.

Em resumo, o raciocínio é o seguinte: a interpretação não cardinal do SNU no inglês só é possível, e talvez a única leitura possível seja essa, como mostram Beviláqua e Pires de Oliveira (2018), pelo fato de o SNU denotar um predicado atômico. Como predicados atômicos não podem ser comparados, temos uma sentença agramatical, que só é interpretada via coerção.

Vamos discutir agora uma proposta para o SNU no PB, tendo em vista os resultados encontrados no nosso experimento. Retomando os resultados, vimos que:

- a) o SNU gera leituras de volume e preferencialmente de cardinalidade;
- b) o SNU apresenta na comparação resultados semelhantes, e estatisticamente não diferentes, aos resultados encontrados para sentenças sem qualquer nome expresso.

Qualquer semântica proposta para esse sintagma tem, então, que considerar os aspetos em a) e b). Scontras *et al.* (2017) mostram que no inglês a única forma de retirar as marcas de atomicidade é retirando o próprio SN. Essa é uma característica sintática do inglês, como já discutimos. No PB, não. Com o SNU também não há marcas de atomicidade. Scontras *et al.* (2017, p. 9) explicam que os resultados variáveis entre número e volume para uma sentença como *Who has more?* são justificados, pois “without clear

<sup>18</sup> Como mostra Wellwood (2015), uma outra forma de enxergar essa análise é lidando com medidas monotônicas. A comparação nominal precisa de medidas monotônicas para operar. Veja-se Schwarzschild (2006) e Nakanishi (2007).

<sup>19</sup> Tradução nossa: “comparativas nominais e verbais apenas geram dimensões de medida e comparação que rastreiam a relação de parte-todo de seus domínios”.

morphosyntactic cues to atomicity, participants are free to perform their quantity judgments on the basis of whichever dimension they find most salient, or relevant to the task at hand”<sup>20</sup> (Scontras *et al.* 2017, p. 9). Ora, se a ausência de pistas de atomicidade gera comparações por diversas dimensões, e o SNU apresentou resultados tanto de volume quanto de número, podemos então concluir que o SNU não carrega marcas de atomicidade.

Assim sendo, uma possibilidade de codificar a distinção contável-massivo se dá através da propriedade gramatical de atomicidade. Vamos representá-la por [+atom]. Atomicidade pode ser tratada como uma operação gramatical que opera no nível lexical, pareando um indivíduo à cardinalidade, como em Rothstein (2017), ou como o ponto de partida de um léxico como o inglês para Chierchia (2010). No caso do PB, os nomes nus nocionalmente contáveis singulares não carregam qualquer traço semântico de atomicidade lexicalmente, nem [+atom], nem [-atom].

Ademais, nossos resultados, embora demonstrem que o SNU no PB não é atômico, mostra, por outro lado, que ele se difere do nome massivo. A contribuição semântica do SNU não diz respeito à atomicidade, ou mesmo a uma ‘não atomicidade’ (como parece ser o caso do nome de massa). Enquanto, para nomes de massa, são apenas 21% de julgamentos cardinais, esse número vai a 65% quando se trata do SNU. No inglês, os resultados também mostram a preferência dos nomes massivos por volume. Scontras *et al.* (2017), contudo, não discutem uma explicação para os nomes massivos. Dentro da nossa proposta para o PB, deve haver um lugar diferente para o nome de massa. Propomos que o SNU é subespecificado, portanto não carrega traços de atomicidade. O nome de massa nessa proposta carrega traços de atomicidade, sendo marcado lexicalmente como [-atom], o que gera a preferência por leituras de volume e a impossibilidade de contagem direta. Assim é possível explicar a diferença entre o SNU e o nome massivo. Esses resultados mostram, por um lado, que teorias que entendem que o SNU é contável (neutro para número) não estão corretas, e, por outro, que teorias que propõem que ele é massivo também não estão inteiramente corretas.

Em suma, os dados mostram que o SNU no PB não é um nome plural, que seria [+atom]; ou mesmo que o SNU é como um nome massivo [-atom]. A nossa proposta é a de que o SNU é não marcado para atomicidade. É possível se perguntar, por fim, qual a contribuição semântica do SNU no PB se ele carrega o mínimo de conteúdo semântico possível. Propomos que a denotação do SNU corresponde à interpretação menos informativa dentro do sistema nominal, no sentido de que é verdadeiro em mais situações possíveis de mundo. É uma interpretação que não pode ser gerada nem pelo definido, nem pelo indefinido, nem mesmo pelo plural em contextos episódicos ou genéricos; portanto, o SNU preenche uma lacuna dentro do sistema. Ou seja, ele é menos informativo, o que garante sua verdade em mais situações de mundo possíveis.

Se um falante tiver a oportunidade de escolher uma expressão definida, indefinida ou plural, mas seleciona, em vez de qualquer uma dessas expressões nominais, o SNU, é porque ele não quer se comprometer com uma interpretação mais ‘forte’, mais específica,

---

<sup>20</sup> Tradução nossa: “Sem claras pistas morfossintáticas de atomicidade, os participantes estão livres para produzir seus julgamentos de quantidade com base em qualquer dimensão que achem mais saliente, ou relevante para o teste em questão”.

que denotaria, por exemplo, um indivíduo específico, um átomo ou uma soma de átomos. Naturalmente, essa interpretação menos marcada pode sofrer enriquecimento pragmático, disparando implicaturas de indivíduos plurais ou singular, como nos chamados contextos de relevância pragmática discutidos em Menuzzi, Silva e Doetjes (2015), ou de foco contrastivo, testado experimentalmente por Santana e Grolla (2018), porém o ponto principal é que o SNU preenche um papel dentro do sistema nominal do PB de ser menos especificado.

## 6. Considerações finais

Este artigo aliou a metodologia experimental à observação das diferenças entre as línguas quanto à semântica do sistema nominal, na busca de compreender a semântica do SNU em termos de atomicidade e no universo da distinção contável-massivo. Partindo dos resultados experimentais tanto do teste de Scontras *et al.* (2017) como o desenvolvido nesta pesquisa, pudemos ver que o SNU possui diferentes semânticas nessas duas línguas. No PB, ele está aberto a comparações sob diversas dimensões, o que mostra a ausência de qualquer traço de atomicidade do sintagma. Já no inglês, o SNU denota um predicado atômico, o que explica sua interpretação gerada via coerção quando em comparativas.

Dessa forma, a comparação nos serviu como lente para enxergar a atomicidade desse sintagma. Concluímos que o SNU não carrega qualquer traço de atomicidade no PB, enquanto denota um predicado atômico no inglês. Embora, o SNU não apresente a mesma semântica entre as línguas, pudemos ver que nomes massivos, por sua vez, são marcados negativamente para atomicidade, e por isso não podem ser contados, tanto no inglês quanto no PB.<sup>21</sup> Nomes plurais também apresentam uma semântica regular tanto no inglês quanto no PB: denotam somas de indivíduos (*à la* Chierchia 2010). São, portanto, sintagmas atômicos, e sua a atomicidade é gerada pelo morfema de plural, que atua como um operador de atomização.

Falta, ademais, entender como é gerado o SNU no PB e qual é a operação que o plural realiza nessa língua. Uma possibilidade é que no PB os nomes saiam do léxico denotando a espécie (Pires de Oliveira & Rothstein 2011). Nessa abordagem, não são marcados gramaticalmente para número, como parece também ser o caso do Mandarim, embora haja uma diferença entre nomes que denotam substâncias e nomes que denotam objetos. Desenvolver essa hipótese é, no entanto, assunto para outro artigo.

## Referências

Bale, A. & D. Barner. (2009). The interpretation of functional heads: Using comparatives to explore the mass/count distinction. *Journal of Semantics*, 26, 217–252. <https://doi.org/10.31234/osf.io/ktx59>.

---

<sup>21</sup> Ver, contudo, o caso de línguas que contam diretamente nome nocionalmente massivos e que sempre comparam tais nomes por dimensões cardinais. Essa discussão, embora bastante relevante para a universalidade da distinção contável-massivo, encontra-se além do escopo deste trabalho. Veja-se Lima (2014).

- Barner, D. & Snedeker, J. (2005). Quantity judgments and individuation: Evidence that mass nouns count. *Cognition*, 97 (1), 41–66. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2004.06.009>.
- Beviláqua, K. & Pires de Oliveira, R. (2014). Brazilian bare nouns and referentiality: Evidence from an experiment. *Revista Letras*, 90, 235–275. <https://doi.org/h10.5380/rel.v90i2.37234>.
- Beviláqua, K. & Pires de Oliveira, R. (2017). Brazilian bare nouns in comparatives: Experimental evidence for non-contextual dependency. *Revista Letras*, 96, 354–376. <https://doi.org/10.5380/rel.v96i1.51033>.
- Beviláqua, K. & Pires de Oliveira, R. (2018). *What do bare nouns mean cross-linguistically? Preliminary results*. Artigo apresentado em The Mass-Count distinction - A linguistic misunderstanding?, 7–9 maio, Bochum, Alemanha. Resumo disponível em <http://count-and-mass.org/becl2018/abstracts/AbstractBochumBevilaquaandPiresdeoliveira.pdf>
- Beviláqua, K., Lima, S. & Pires de Oliveira, R. (2016). Bare nouns in Brazilian Portuguese: An experimental study on grinding. *Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*, 11, 1–25. <https://doi.org/10.4148/1944-3676.1113>.
- Bloomfield, L. (1933). *Language*. New York: Henry Holt.
- Chierchia, G. (1998). Plurality of mass nouns and the notion of semantic parameter. In S. Rothstein (Ed.), *Events and grammar* (pp. 53–103). Dordrecht: Kluwer.
- Chierchia, G. (2010). Mass nouns, vagueness, and semantic variation. *Synthese*, 174, 99–149. <https://doi.org/10.1007/s11229-009-9686-6>
- Chierchia, G. (2014). How universal is the mass/count distinction? Three grammars of counting. In A. Li, A. Simpson & Wei-Tien Dylan Tsai (Eds.), *Chinese syntax in a cross-linguistic perspective* (pp. 147–175). <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199945658.003.0006>
- Cresswell, M. J. (1976). The semantics of degree. In B. Partee (Ed.), *Montague grammar* (pp. 261–292). New York: Academic Press.
- Doetjes J.S. (2017). The count/mass distinction in grammar and cognition. *Annual Review of Linguistics*, 3, 199–217. <https://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011516-034244>
- Frisson, S. & Frazier, L. (2005). Carving up word meaning: Portioning and grinding. *Journal of Memory and Language*, 53 (2), 277–291. <http://doi.org/10.1016/j.jml.2005.03.004>
- Jespersen, O. (1924). *The philosophy of grammar*. London: George Allen & Unwin Ltd.
- Krifka, M. (1998). The origins of telicity. In S. Rothstein (Ed.), *Events and grammar* (pp. 197–235). Dordrecht: Kluwer.
- Lima, S. (2014). *The grammar of individuation and counting* (Tese de doutoramento, University of Massachusetts, Amherst, USA).
- Link, G. (1983). The logical analysis of plurals and mass terms: A lattice-theoretical approach. In R. Bauerle, C. Schwarze & A. Stechow (Eds.), *Meaning, use, and interpretation of language* (pp. 302–323). Berlin: de Gruyter.
- Menuzzi, S. D. M., Silva, M. C. F. & Doetjes, J. (2015). Subject bare singulars in Brazilian Portuguese and information structure. *Journal of Portuguese Linguistics*, 14 (1), 7–44. <https://doi.org/10.5334/jpl.56>
- Nakanishi, K. (2007). Measurement in the nominal and verbal domains. *Linguistics and Philosophy*, 30, 235–276. <https://doi.org/10.1007/s10988-007-9016-8>
- Paraguassu-Martins, N. & Muller, A. (2008). A distinção contável–massivo e a expressão de Número no sistema nominal. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 23, 65–83. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502007000300006>
- Pelletier, F. J. (1979). Non-singular reference: Some preliminaries. In F.J. Pelletier (Ed.), *Mass Terms* (pp. 1–14). Dordrecht: Reidel.
- Pelletier, F. J. (2012). Lexical nouns are both +MASS and +COUNT, but they are neither +MASS nor +COUNT. In D. Massam (Ed.), *Count and Mass Across Languages* (pp. 9–26). Oxford: Oxford Scholarship. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199654277.003.0002>
- Rothstein, S. (2010). Counting and the mass/count distinction. *Journal of Semantics*, 27 (3), 343–397. <https://doi.org/10.1093/jos/ffq007>
- Rothstein, S. (2017). *Semantics for counting and measuring*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Santana, R. & Grolla, E. (2018). A aceitabilidade do singular nu pré-verbal em Português Brasileiro. *Linguística*, 14 (2), 194–214. <https://doi.org/0.31513/linguistica.2018.v14n2a17532>
- Schwarzschild, R. (2006). The role of dimensions in the syntax of noun phrases. *Syntax*, 9 (1), 67–110. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9612.2006.00083.x>
- Scontras, G., Davidson, K., Deal, A. R. & Murray, S. E. (2017). Who has more? The influence of linguistic form on quantity judgments. *Proceedings of Linguistics Society of America* 2, 41, 1–15. <https://doi.org/10.3765/plsa.v2i0.4097>
- Soja, N. N., Carey, S. & Spelke, E. (1991). Ontological categories guide young children's inductions of word meaning: Object terms and substance terms. *Cognition*, 38 (2), 179–211. [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(91\)90051-5](https://doi.org/10.1016/0010-0277(91)90051-5)
- Wellwood, A. (2015). On the semantics of comparison across categories. *Linguist and Philosophy*, 38 (1), 67–101. <https://doi.org/10.1007/s10988-015-9165-0>

[recebido em 31 de maio de 2019 e aceite para publicação em 5 de outubro de 2019]